

Experiência Interdisciplinar com Geologia e Antropologia no Projeto de Extensão “Despertando o Bioma Amazônico pelos cinco sentidos”

LENA SIMONE BARATA SOUZA
lena.barata@ufrr.br

JACKSON DOUGLAS SILVA DA PAZ
jackson.paz@ufrr.br

MANUELA SOUZA SIQUEIRA CORDEIRO
manuela.cordeiro@ufrr.br

SIMONE RODRIGUES
silvasimone.rodrigues@ufrr.br

ANDRÉ LUIZ BAPTISTA GALVÃO
andre.galvao@ufrr.br

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do projeto de extensão universitária “*Despertando o Bioma Amazônico pelos Cinco Sentidos (UFRR)*”, que promove o diálogo entre ciência, cultura e comunidade escolar. As ações ocorreram em escolas públicas da cidade de Boa Vista, estado de Roraima, com a realização de exposições de Geologia e Antropologia voltadas a estudantes do ensino fundamental e médio. A proposta buscava integrar saberes acadêmicos e conhecimentos locais por meio de metodologias participativas, uso de elementos simbólicos e vivências sensoriais. Os resultados revelam o fortalecimento do sentimento de pertencimento dos estudantes ao território amazônico, despertando curiosidade científica e reconhecimento da diversidade étnico-cultural local. A experiência reafirma o papel transformador da extensão universitária na promoção de aprendizagens significativas e na valorização dos saberes regionais.

PALAVRAS-CHAVE: extensão universitária; geociências; antropologia; cultura amazônica; educação intercultural; ensino de ciências

Interdisciplinary Experience with Geology and Anthropology in the Extension Project “Awakening the Amazon Biome through the Five Senses”

ABSTRACT

This article presents an experience report developed as part of the university extension project “*Awakening the Amazon Biome through the Five Senses (UFRR)*”, which fosters dialogue between science, culture, and the school community. The activities took place in public schools in the city of Boa Vista, state of Roraima, through Geology and Anthropology exhibitions aimed at elementary and high school students. The project sought to integrate academic knowledge and local wisdom through participatory methodologies, the use of symbolic elements, and sensory experiences. The results reveal a strengthened sense of belonging among students to the Amazon territory, sparking scientific curiosity and recognition of local ethnic and cultural diversity. The experience reaffirms the transformative role of university extension in promoting meaningful learning and valuing regional knowledge.

KEYWORDS: university extension; geosciences; anthropology; Amazonian culture; intercultural education; science teaching.

Experiencia interdisciplinaria con Geología y Antropología en el proyecto de extensión “Despertando el Bioma Amazónico a través de los Cinco Sentidos”

RESUMEN

Este artículo presenta un relato de experiencia desarrollado en el marco del proyecto de extensión universitaria “*Despertando el Bioma Amazónico a través de los Cinco Sentidos (UFRR)*”, que promueve el diálogo entre la ciencia, la cultura y la comunidad escolar. Las actividades se realizaron en escuelas públicas de la ciudad de Boa Vista, estado de Roraima, mediante exposiciones de Geología y Antropología dirigidas a estudiantes de educación primaria y secundaria. La propuesta buscó integrar saberes académicos y conocimientos locales a través de metodologías participativas, el uso de elementos simbólicos y experiencias sensoriales. Los resultados revelan el fortalecimiento del sentimiento de pertenencia de los estudiantes al territorio amazónico, despertando la curiosidad científica y el reconocimiento de la diversidad étnico-cultural local. La experiencia reafirma el papel transformador de la extensión universitaria en la promoción de aprendizajes significativos y en la valorización de los saberes regionales.

PALABRAS CLAVE: extensión universitaria; geociencias; antropología; cultura amazónica; educación intercultural; enseñanza de las ciencias.

1 INTRODUÇÃO

A extensão universitária, como um dos pilares da formação superior no Brasil, desempenha um papel fundamental na aproximação entre a universidade e a sociedade, promovendo encontros transformadores e socialmente relevantes. No contexto amazônico, marcado por sua rica biodiversidade e diversidade cultural, essa interação adquire uma dimensão ainda mais significativa, permitindo o reconhecimento e a valorização dos saberes locais.

Neste relato de experiência, apresentamos ações desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão “*Despertando o Bioma Amazônico pelos Cinco Sentidos (UFRR)*”, que promoveu oficinas interdisciplinares direcionadas a estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas de Boa Vista, Roraima. A proposta buscou articular conhecimentos acadêmicos e saberes tradicionais por meio de metodologias participativas, uso de elementos simbólicos e vivências sensoriais.

Práticas que integram observações geológicas e narrativas indígenas, no âmbito das Ciências da Terra e da Antropologia, têm se mostrado eficazes para despertar o interesse dos estudantes e fortalecer sua identidade cultural. Tais ações contribuem para o diálogo entre o

conhecimento científico e os saberes tradicionais, além de apoiar a integração das reflexões históricas e antropológicas sobre os povos indígenas aos currículos escolares, conforme prevê a Lei nº 11.645/2008 (Costa *et al.*, 2021; Pinto *et al.*, 2021; Candeiro, Moreira e Dias, 2020; Silva, 2023; Freitas, 2021; Parente, Miléo e Silva, 2022; Nascimento, 2020). Essa abordagem também contribui para o enfrentamento de práticas discriminatórias e para o fortalecimento da identidade cultural local, fomentando o diálogo entre saberes tradicionais e conhecimento acadêmico.

Embora o projeto de extensão envolva diferentes áreas do saber, este artigo concentra-se nas oficinas de Geologia e Antropologia realizadas nas escolas. As atividades envolveram a exploração dos aspectos físicos das formações geológicas da região amazônica, além de abordagens culturais, como a apresentação da produção audiovisual Gente Verdadeira, seguida pela leitura de um conto do autor indígena Cristino Wapichana por alunas da etnia Macuxi. Essas atividades buscaram promover uma aproximação sensível e reflexiva dos estudantes com o território e a cultura local.

Este artigo adota o formato de relato de experiência, compreendido não apenas como uma descrição de práticas, mas como uma forma legítima de produção de conhecimento científico no campo da extensão universitária. Conforme discutem Mussi, Flores e Almeida (2021), o relato de experiência constitui um registro metodológico e epistemológico que sistematiza saberes construídos no fazer extensionista, permitindo refletir criticamente sobre os processos formativos e sociais envolvidos. Assim, a presente proposta busca contribuir para a consolidação desse formato como instrumento de diálogo entre teoria e prática, reafirmando o papel da extensão como espaço de transformação e produção de conhecimento situado.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste relato baseou-se em uma abordagem participativa e dialógica, fundamentada na pedagogia da educação popular de Paulo Freire (1996). As ações foram desenvolvidas em seis instituições de ensino da cidade de Boa Vista (RR): Escola Estadual Ana Libória, Escola Estadual Albino Tavares, Fundação Bradesco, Colégio do SESI, Escola Municipal Mário David Andreazza e Colégio Militarizado Severino G. G. Cavalcante. As ações envolveram aproximadamente 1500 estudantes, sendo cerca de 1100 do ensino fundamental e 400 do ensino médio, distribuídos entre as seis escolas participantes. Essa diversidade de faixas etárias e níveis de ensino permitiu observar diferentes formas de engajamento, desde a curiosidade inicial das crianças até reflexões mais críticas dos

adolescentes sobre o território e os saberes locais. Participaram professores e discentes dos cursos de Geologia, Antropologia, Química, Física, Medicina veterinária, Zootecnia, Engenharia elétrica e Arquitetura, cujas formações complementares favoreceram a abordagem multi e interdisciplinar do projeto. Essa integração permitiu conectar dimensões naturais, culturais e educativas, ampliando o alcance formativo das ações.

As oficinas foram planejadas com base em estratégias sensoriais, interativas e culturalmente significativas, utilizando recursos como maquetes, amostras de rochas e minerais, elementos simbólicos indígenas, mapas, narrativas orais e dinâmicas de grupo. O espaço escolar foi transformado em um território de escuta e de construção compartilhada de saberes, estimulando o protagonismo estudantil e a valorização do território amazônico como referência concreta de aprendizagem.

2.1 EXPOSIÇÃO DE GEOLOGIA: SOLO, RELEVO E FONTES DE ENERGIA

Coordenada por professores da área de Geologia, com apoio dos estudantes extensionistas, a oficina abordou conteúdos introdutórios sobre a formação do relevo, os tipos de solo e os recursos naturais da região. Para isso, foi utilizada uma maquete tridimensional representando o território de Roraima, facilitando a visualização dos processos geológicos e geomorfológicos locais, além de destacar fontes alternativas de energia, como a eólica.

Durante a exposição vinculada ao Museu de Geociências do curso de Geologia, foi organizada uma mostra composta por duas mesas com mini-coleções de minerais e rochas uma proveniente de doação da Universidade de São Paulo (USP) e outra pertencente ao acervo da Universidade Federal de Roraima (UFRR), além da maquete tridimensional do relevo de Roraima e instrumentos utilizados em trabalhos de campo, como bússolas e lupas de bolso.

A exposição permitiu o contato direto com materiais geológicos e incentivou os estudantes a refletirem sobre a geodiversidade local e suas aplicações no cotidiano.

2.2 EXPOSIÇÃO DE ANTROPOLOGIA: IDENTIDADE, NARRATIVAS E TERRITÓRIOS SIMBÓLICOS

Coordenada por docente da área de Antropologia, com a colaboração dos estudantes extensionistas, esta oficina promoveu um espaço de escuta e diálogo a partir de narrativas tradicionais e saberes indígenas. Foram utilizados elementos simbólicos, como um cocar artesanal, para enriquecer a apresentação e estimular reflexões sobre identidade, ancestralidade e pertencimento.

Durante a atividade, os estudantes foram convidados a compartilhar memórias, histórias familiares e percepções sobre seu território, criando um ambiente de intercâmbio cultural. As falas e reações dos estudantes foram registradas por meio de escuta ativa e anotações em diário de campo feitas pelos extensionistas, permitindo posterior análise qualitativa do engajamento e dos efeitos da ação na valorização dos saberes locais. A atividade visou promover a valorização dos saberes indígenas e a conscientização socioambiental, utilizando recursos simbólicos e experiências sensoriais como estratégia de diálogo intercultural.

A dinâmica envolveu a formação de pequenos grupos de estudantes, que se revezavam nas mesas expositivas e interagiam com os monitores acadêmicos responsáveis pela mediação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos registros de observação feitos durante as exposições mostrou o quanto a ação extensionista contribuiu de forma significativa para envolver os estudantes, valorizar os saberes locais e construir uma aprendizagem realmente significativa conectada com a vivência e o cotidiano desses jovens. Por exemplo, durante a exposição de Geologia, os estudantes demonstraram surpresa e curiosidade ao manusear amostras reais de minerais e rochas, que pouco conheciam anteriormente. Muitos comentaram coisas simples como: ‘*Eu não sabia que essas pedrinhas tinham essas informações*’, ‘*Olha só, tá borbulhando!*’ e ‘*tá vendo essas pedras tem seu valor e gargalhadas*’. Essas falas espontâneas evidenciam o encantamento e a curiosidade despertados pela atividade, traduzindo a aproximação concreta entre o conteúdo científico e o cotidiano dos estudantes.

Durante a atividade, os estudantes demonstraram grande interesse ao manusear amostras reais de minerais e rochas. As interações foram marcadas por perguntas sobre a formação dos minerais e observações detalhadas com o uso das lentes, evidenciando que o aspecto lúdico e visual da exposição foi fundamental para despertar o interesse e o encantamento das crianças. Esse primeiro contato sensorial com os materiais geológicos favoreceu a curiosidade científica e serviu de base para uma exploração mais aprofundada dos conteúdos.

A demonstração do uso de ácido para revelar a composição das rochas foi realizada alternadamente por professores e estudantes, gerando momentos de grande interesse e encantamento do público. A reação de certos minerais, como o carbonato de cálcio, diante da aplicação do ácido, permitiu observar transformações visíveis que facilitaram a compreensão de conceitos abstratos, como a composição química das rochas. Essa sequência de observação, experimentação e diálogo mostrou-se eficaz para consolidar a aprendizagem, conforme

discutido por Campos, Suanno e Silva (2024), ao evidenciarem o potencial do uso do ácido clorídrico (HCl) em práticas investigativas sobre geologia.

Além disso, a maquete tridimensional do território roraimense funcionou como um recurso essencial para que os estudantes pudessem visualizar os processos geológicos e geomorfológicos locais. Complementando as atividades anteriores, a observação do relevo e dos tipos de solo permitiu que os alunos associassem o conteúdo teórico à sua própria realidade, dizendo, por exemplo: “*Aqui no meu bairro tem umas pedras parecidas*”. A contextualização do conhecimento científico a partir do território vivenciado pelos estudantes mostrou-se fundamental para criar conexões entre o conteúdo e o cotidiano, algo amplamente defendido pela pedagogia contextualizada (Constante; Vasconcelos, 2015; Ponte; Piranha, 2018; Silva; Almeida; Porto, 2018).

As discussões sobre o uso sustentável dos recursos naturais, como a exploração mineral e a preservação das nascentes, despertaram nos estudantes uma consciência inicial sobre a importância da conservação ambiental. Embora essas percepções ainda se manifestem de forma simples, elas revelam o início de um processo de construção crítica relacionado à sustentabilidade, em consonância com as propostas da educação socioambiental contemporânea.

Outro aspecto relevante foi a participação ativa dos estudantes extensionistas como mediadores. Cuja presença facilitou a comunicação entre o público escolar e os conteúdos apresentados, tornando a experiência mais acessível e próxima da realidade dos estudantes. Ao adaptar a linguagem e utilizar exemplos do cotidiano, os extensionistas conseguiram estabelecer uma ponte entre o saber acadêmico e o conhecimento popular, como ao explicar que “*quando falamos de mineral, estamos falando de um pedacinho da natureza que pode ser usado para muitas coisas no dia a dia*”. Esse exercício de mediação pedagógica fortaleceu tanto a aprendizagem dos estudantes quanto a formação dos próprios extensionistas, que relataram, nos momentos de reflexão pós-exposição, a importância da experiência para o desenvolvimento de habilidades comunicativas e empáticas.

Figura 1 – Exposição recente de materiais geológicos em escola pública de Boa Vista – RR.



Fonte: os autores, 2025.

No que diz respeito à exposição sobre Antropologia, a escolha de apresentar narrativas tradicionais e saberes indígenas proporcionou um diálogo intercultural de grande relevância, especialmente diante do contato limitado que os estudantes possuem com esse tema. A inclusão de elementos simbólicos, como o cocar artesanal, despertou a curiosidade dos estudantes e estimulou reflexões simples, porém fundamentais. Os relatos e memórias compartilhadas indicaram um primeiro contato com conceitos de identidade, ancestralidade e pertencimento, aspectos essenciais para o fortalecimento da identidade coletiva local, ainda que em estágio inicial.

A produção audiovisual Gente Verdadeira foi apresentada após uma breve introdução sobre os saberes indígenas, seguida pela leitura do conto *A boca da mata*, de Cristino Wapichana, por três alunas da etnia Macuxi. Em seguida, elas compartilharam vivências relacionadas à vida nas comunidades e no espaço urbano, promovendo uma troca de saberes sobre o que significa ser jovem indígena na contemporaneidade. Essa interação entre estudantes indígenas e não indígenas consolidou o caráter dialógico da oficina e reforçou o protagonismo juvenil como via de aprendizado intercultural. A atividade despertou grande interesse e engajamento dos estudantes, fortalecendo a valorização da diversidade cultural e estimulando a reflexão crítica sobre identidade e território.

O contato direto com narrativas autorais e experiências vividas por jovens indígenas permitiu que os estudantes confrontassem estereótipos frequentemente presentes no imaginário social e escolar. Ao dialogar sobre temas como ancestralidade, migração, pertencimento e discriminação, a ação contribuiu para a construção de uma escuta mais sensível e empática, valorizando múltiplas formas de ser e viver na Amazônia. Essa vivência intercultural, ainda que pontual, teve um efeito catalisador na percepção dos estudantes sobre a diversidade étnica regional e sobre as tensões entre tradição e modernidade vivenciadas pelas juventudes indígenas. Além disso, reforçou o papel da escola como espaço de mediação cultural e formação cidadã, alinhada aos princípios da educação intercultural crítica e da justiça social.

Figura 2. Vivências e descobertas na exposição de antropologia, registradas na exposição mais recente



Fonte: os autores , 2025.

Essa valorização dos saberes indígenas está em consonância com práticas da educação intercultural crítica, que visam ampliar o respeito às diferenças e fomentar o reconhecimento da diversidade cultural (Nascimento; Vieira; Aguilera Urquiza, 2024).

Nesse contexto, é importante destacar o papel da extensão universitária como promotora de experiências pedagógicas transformadoras. A valorização dos conhecimentos locais e das representações simbólicas como instrumentos educativos encontra respaldo em projetos como o do *Banco Comunitário de Desenvolvimento Jardim Botânico*, relatado por Santos *et al.* (2025). O artigo evidencia como iniciativas de extensão, pautadas pela escuta ativa e pela participação comunitária, podem promover inclusão social, desenvolvimento local sustentável e a articulação entre saberes populares e acadêmicos. Tais ações reforçam a potência da extensão universitária em fomentar uma educação crítica e contextualizada, comprometida com a realidade dos territórios e com a transformação social.

Além disso, experiências como a do uso do Atlas Escolar Municipal em atividades de formação docente (Leal; Santos; Araújo, 2025) também demonstram o valor de ferramentas

que conectam o conteúdo curricular ao espaço vivido, ampliando o olhar dos estudantes para a diversidade territorial e sociocultural que os cerca.

Por fim, os resultados desta ação reafirmam a importância de práticas extensionistas que integrem diferentes áreas do conhecimento e valorizem os saberes locais, promovendo uma educação contextualizada, inclusiva e transformadora. Essa experiência está em consonância com as ideias contemporâneas que destacam a extensão universitária como espaço de mediação social e cultural, fundamental para o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais, e para o fortalecimento do compromisso da universidade pública com a cidadania, a diversidade cultural e a sustentabilidade ambiental.

Essa interdisciplinaridade é uma marca do projeto “*Despertando o Bioma Amazônico pelos Cinco Sentidos*”, que vem sendo desenvolvida em diferentes frentes de conhecimento. Em outro estudo vinculado à mesma iniciativa, Silva *et al.* (2025) analisaram as experiências do eixo de Química, destacando como as práticas experimentais associadas aos saberes amazônicos favorecem a construção de significados científicos contextualizados e culturalmente situados. A articulação entre os eixos de Geologia, Antropologia e Química evidencia a força integradora do projeto e sua capacidade de promover uma formação ampla, sensível e comprometida com a realidade regional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos reafirmam a relevância das ações extensionistas integradas e interdisciplinares, especialmente em contextos socioculturais diversos como o amazônico. A experiência descrita demonstrou que iniciativas que articulam saberes acadêmicos com conhecimentos tradicionais, como as oficinas de Geologia e Antropologia, têm potencial significativo para promover uma educação contextualizada, inclusiva e transformadora.

As atividades realizadas nas escolas públicas Ana Libória, Albino Tavares, Mário David Andreazza e Colégio Militarizado Severino G. G. Cavalcante, todas localizadas em Boa Vista-RR, possibilitaram que os estudantes se reconhecessem em seu território e despertassem para a diversidade cultural e geológica da região em que vivem. O uso de estratégias sensoriais, interativas e culturalmente significativas mostrou-se eficaz tanto para o engajamento dos estudantes quanto para o fortalecimento de sua identidade e senso de pertencimento.

A vivência extensionista também contribuiu para a formação de estudantes universitários, que atuaram como mediadores do processo educativo. Essa mediação, ao exigir adaptação de linguagem, empatia e sensibilidade, proporcionou uma aprendizagem

significativa para todos os envolvidos. Além disso, os relatos coletados nas exposições indicam que mesmo ações pontuais podem gerar impactos duradouros quando orientadas por princípios de escuta, diálogo e valorização da diversidade.

Do ponto de vista metodológico e epistemológico, a sistematização desta ação como relato de experiência amplia a compreensão sobre a própria prática extensionista, conferindo-lhe legitimidade científica. Conforme destacam Mussi, Flores e Almeida (2021), o relato de experiência ultrapassa a dimensão descritiva ao se constituir como um registro metodológico que transforma vivências em conhecimento. Ao documentar processos, reflexões e resultados, esse tipo de relato permite que práticas extensionistas sejam compreendidas como formas de investigação e de produção de saberes situados, que articulam teoria e prática em contextos reais. Assim, este trabalho reafirma a importância do relato de experiência como instrumento de sistematização, reflexão e compartilhamento do conhecimento produzido na extensão universitária.

Do ponto de vista teórico, a experiência está em consonância com os princípios da educação popular e intercultural, conforme proposto por Freire (1996). As práticas desenvolvidas reafirmam a potencialidade da extensão universitária como promotora da justiça social, da equidade e do respeito às diferenças, especialmente quando se orienta pelo compromisso com a realidade local.

Do ponto de vista prático, as ações mostraram que metodologias sensoriais e dialógicas são eficazes para promover aprendizagens contextualizadas mesmo em escolas com infraestrutura limitada, onde recursos audiovisuais e labororiais são escassos. A simplicidade dos materiais utilizados e a valorização da mediação humana demonstraram que práticas extensionistas de baixo custo podem gerar impactos significativos no engajamento e na percepção crítica dos estudantes. Do ponto de vista teórico, o trabalho contribui para o fortalecimento das discussões sobre educação intercultural, aprendizagem significativa e ensino contextualizado das geociências e das humanidades. Como limitação, destaca-se o caráter pontual das intervenções e a ausência de acompanhamento longitudinal que permitisse avaliar efeitos duradouros. Como perspectiva futura, sugere-se o desenvolvimento de investigações comparativas entre escolas de diferentes contextos socioculturais e a ampliação das parcerias interdisciplinares.

Assim, ao retomar os objetivos inicialmente propostos, integrar ciência, cultura e comunidade escolar por meio de experiências sensoriais e dialógicas, é possível afirmar que a ação cumpriu sua meta de despertar o bioma amazônico nos sentidos e consciências dos

participantes. A ação analisada confirma o papel social da universidade pública como agente de transformação, promotora da cidadania, da diversidade cultural e do desenvolvimento sustentável, fortalecendo sua missão na formação integral de estudantes e na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Desse modo, o projeto reafirma o potencial da extensão universitária como espaço de produção de conhecimento, de valorização das identidades amazônicas e de formação cidadã comprometida com a sustentabilidade e a diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Carlos Roberto Pires; SUANNO, Sérgio Benachio; SILVA, Renderson Albino. Ensino por investigação sobre geologia de rochas ornamentais, em busca da aprendizagem significativa. **Terrae Didatica**, Campinas, SP, v. 20, p. 1–10, e024028, 2024. DOI: <https://doi.org/10.20396/td.v20i00.8677362>.

CONSTANTE, Andreia; VASCONCELOS, Clara. Actividades lúdico-práticas no ensino da geologia: complemento motivacional para a aprendizagem. **Terrae Didatica**, Campinas, SP, v. 6, n. 2, p. 101–124, 2015. DOI: 10.20396/td.v6i2.8637467. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8637467>.

CANDEIRO, Carlos Roberto dos Anjos; MOREIRA, Suely Aparecida Gomes; DIAS, Tamires do Carmo. Contribuição da Ciência da Terra para a formação científica na Educação Básica: produção de materiais didáticos e práticas de Ciências Naturais. **Ensino em Re-Vista**, v. 27, p. 1451-1466, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14393/ER-v27nEa2020-12>.

COSTA, Silas Samuel do Santos; MUSSE, Narla Sathler de Oliveira; FILLIPPI, Rafael Rabelo; COSTA, Lucas dos Santos; SILVA, Mayara Maria Mendes da. Educação e didática no Ensino Fundamental: aprendendo geociências com kits de minerais e rochas. **Revista Educação (UFSM)**, v. 46, p. 1–29, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984644442481>.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Marcel de Almeida. Antropologia e educação escolar: a educação indígena, o combate à misoginia, à LGBTfobia e à discriminação contra a cultura afro-brasileira. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 37, e26064, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469826064>.

LEAL, Ione Oliveira Jatobá; SANTOS, Ivaneide Silva dos; ARAÚJO, Joseane Gomes de. Ensino de geografia com o Atlas escolar municipal: experiências extensionistas com professores dos anos finais do ensino fundamental. **Educar em Foco**, Curitiba, v. 1, n. 36, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5380/ef.v1i36.95267>.



MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60–77, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxiesedu.v17i48.9010>.

NASCIMENTO, Adir Casaro; VIEIRA, Carlos Magno Naglis; AGUILERA URQUIZA, Antonio Hilário. Indígenas na universidade: possibilidades de construção de uma pedagogia intercultural. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 42, n. 3, p. 1–13, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2024.e93358>.

NASCIMENTO, Maria Rosemi Araujo do. Cultura, diversidade e diretrizes para a educação escolar indígena. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 1934-1956, 2020. DOI: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2020v18i4p1934-1956>.

PARENTE, Francilene de Aguiar; MILÉO, Irlanda do Socorro de Oliveira; SILVA, Luciana Costa da. Culturas silenciadas na Amazônia: a Lei nº 11.645/2008 e a temática indígena no livro didático de História. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 31, 2022. DOI: <https://doi.org/10.29286/rep.v31jan/dez.14213>.

PINTO, Viter Magalhães; PEREIRA, Vaneza Barreto; CARDOZO, Emanuelle Soares; CAMPOS, Suyane Gonçalves de; ALVES, Johny Barreto; VARGAS, Vitor Mateus Lopes. O vídeo como recurso inovador na introdução das geociências no ensino fundamental. **Expressa Extensão**, v. 27, n. 1, p. 94-107, 2021. DOI: <https://doi.org/10.15210/ee.v27i1.21771>.

PONTE, Maxwell L.; PIRANHA, Joseli M. Estratégias e recursos educacionais para inserção das Geociências na educação básica. **Terra Didática**, Campinas, SP, v. 14, n. 4, p. 431–438, 2018. DOI: 10.20396/td.v14i4.8654193. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8654193>.

SANTOS, Daniel Pereira dos; SANTOS, Paulo Sérgio dos; RODRIGUES, Rodrigo Moreira; FEITOSA, Sérgio Stênio Andrade; CARNEIRO, Vanderson Gonçalves. Relato de experiência do banco comunitário de desenvolvimento Jardim Botânico. **Educar em Foco**, Curitiba, v. 1, n. 36, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5380/ef.v1i36.94142>.

SILVA, Edson Hely. A temática indígena e o ensino: reflexões históricas e antropológicas. **Antropologia & Sociedade Revista do Laboratório de Antropologia**, Arqueologia e Bem-Viver da UFPE, v. 1, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/antropologiaesociedade/article/view/257832/43644>.

SILVA, Rosely Vaz Bernardes; ALMEIDA, Claudio Magalhães de; PORTO, Marcelo Duarte. Ensino de geociências: paleontologia e geologia uma abordagem baseada na aprendizagem significativa. **Revista Mirante**, Anápolis, v. 11, n. 7, 2018. ISSN 1981-4089. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mirante/article/view/7976/5545>.

SILVA, Simone Rodrigues; GALVÃO, André Luiz Baptista; DUARTE, Ednalva Dantas Rodrigues da Silva; COSTA, Habdel Nasser Rocha da. A química e os saberes amazônicos: experiências no projeto de extensão “despertando pelos cinco sentidos”. **Extensão em Foco**, Curitiba, v. 1, n. 37, p. 134–147, ago./dez. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5380/ef.v1i37.99905>.